Reinventar a Vida...

MÁRIO MORGAN SANTOS

Reinventar a Vida...

Capa, formatação, diagramação e projeto gráfico:
Igor Alexander Lopes
Design Gráfico
(31)8818-5192

Revisão de texto
Maria da Conceição Milagres Lopes Gomes
(31)3482-6086

FICHA CATALOGRÁFICA

S237r Santos, Mário Morgan, 1953.

Reinventar a vida / Mário Morgan Santos. –

Belo Horizonte: 2010.

184 p.

1. Literatura brasileira. 2. Memórias autobiográficas. I. Título.

CDD: B869
CDU: 869.0(81)

Para minha esposa e meus queridos filhos.
Ao vovô Mário (in memoriam).

Reinventar a Vida...

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

INTRODUÇÃO 11

NASCIMENTO 16

LEMBRANÇAS 19
Cobra d'água 20
Edward W. Jocobsont 21
Amigo fiel 24
A topada do Jeca 27
Mamãe, eu rezo! 29
Ondas de alegria 32
Uma pele no feijão 36
História do Barbante 38

ESPETÁCULO DA NATUREZA 48

MAIS LEMBRANÇAS 50
Desafio 50

FELICIDADE, NOSSO CAMINHO 59

O VOVÔ NA MINA DE OURO 64

MEUS BISAVÓS PATERNOS 72
Ela, uma flor! Ele, alegria! 75
A razão e o amor 77

O AMOR SOBREPÕE À DOR 81

ESCOLHAS 87

GRADES NA CAMA 90

ACEITAÇÃO DOS DIFERENTES 95

O VERDADEIRO MILAGRE DO PERDÃO 106

DIVAGAÇÕES 115

O QUE É A VIDA? 123
Um telegrama 130

MEUS DOIS GRANDES HERÓIS 132

HISTÓRIAS DO VOVÔ 142
Liberdade 142
Uma grande amizade 146

ENSINAMENTOS DO VOVÔ 152
Emoção 153

TENTANDO AMENIZAR A DOR 156

HORA MÁGICA, HORA DE BRINCAR 161

SOMOS TECELÕES 163

GRATIDÃO 173

MUDAR O FOCO – REIVENTAR A VIDA 176

PALAVRAS FINAIS 182

ÍNDICE REMISSIVO 183

Prefácio

Mãe! A mãe sempre coube o papel do amor incondicional. Afeto, abnegação, dedicação, carinho, aconchego...

Ao pai, a proteção. Ele, o provedor, o chefe, o leme, a palavra final.

Ao transcorrer as páginas desta história, visualizei o seu autor – meu filho. Filho, irmão, esposo e pai exemplar. Amigo fiel. Desde criança ele foi sempre amigo, muito dedicado aos estudos e muito alegre. Ao seu lado, mesmo que por pouco tempo, é impossível sentir tristeza. Ele está quase sempre sorrindo - de bem com a vida.

E, esta história repleta de emoções, - confesso, não consegui segurar as lágrimas em várias de suas passagens – vem anunciar e capturar a verdadeira essência da paternidade e da amizade.

São relatos, baseados em fatos verídicos, de transformação, de amor e compaixão. Uma lição de vida!

Ao longo desta fascinante história, ele quebra o arcaico paradigma de pai dirigente e distante e estabelece o pai participante, presente, anunciando o milagre do desabrochar do amor paterno. Eu posso confidenciar que tive a alegria de vivenciar este milagre.

Ele alegra, comove, reascende a esperança de um relacionamento sadio, prazeroso e duradouro, - plagiando o autor, - "que transcenderá os limites desta terra", com certeza. Estimula o desejo latente da felicidade, da igualdade, da humildade, da aceitação e do amor em toda a sua plenitude.

Convida o leitor a ultrapassar os limites da timidez e deixar o amor que existe dentro do nosso peito, transbordar, atingindo com prazer e alegria, o nosso próximo. Mudar o foco, abrir o leque...

Reinventou a vida!
Desejo que novas pontes de amor sejam construídas na sua caminhada.

Com o carinho de sua mãe,

Arlete Morgan dos Santos

Introdução

No primeiro momento a negação – o impacto e a surpresa pela notícia inesperada. Com o tempo...

Imaginar de outra forma... inventar de novo... mudar o foco... alterar, transformar... enxergar de dentro para fora – e não ao contrário... Aceitação, humildade, abnegação, resignação...

Era final de outono e as chuvas intermitentes, com pancadas fortes, trovoadas e rajadas de vento anunciavam a chegada do inverno.

A cidade onde morávamos, interior do Estado, era pacata e dona de uma paisagem belíssima, incrustada entre grandes montanhas rochosas de altitudes e colorações variadas.

O frio começara a fazer parte daquele cenário e já se podia observar, ao amanhecer, o orvalho, depositado sob formas de gotículas nas folhas das árvores, nos campos, telhados, ruas... acompanhando o orvalho, a neblina, que ia se dissipando lentamente à medida que o dia florescia.

Paisagem magnífica, digna dos olhares fascinantes de todos os moradores da região e também dos visitantes que ali aportavam. Até os mais incrédulos encontravam-se alucinados, com seus olhares perdidos no horizonte...

Gente honesta, trabalhadora e fraterna. A comunidade, formada em sua grande maioria por imigrantes europeus, mantinha as tradições e culturas trazidas de seus países de origem. Muitas palavras que se ouvia por lá eram conhecidas somente por eles. Os moradores aportuguesavam as palavras ouvidas e nomeavam os objetos da mesma forma que as escutavam. A "chaula", por exemplo, significa pá – instrumento largo e chato usado para trabalhos agrícolas e de construção...

O café estava servido. Manhã fria! Mais um dia acabara de nascer e o sol lutava por aparecer entremeio à fumaça do nevoeiro denso e rasteiro.

Do meu quarto podia-se sentir o aroma do café. A mamãe, carinhosamente, o preparava todas as manhãs. Eu relutava em desvencilhar daquele cobertor que me aquecia, querendo desfrutar mais um pouquinho da cama quentinha e aconchegante.

Eu ainda era muito pequeno, peralta como qualquer garoto na minha idade, mas recordo-me deste dia como se fosse um adulto.

Na cabeceira da mesa sentava-se meu pai. Homem forte, baixo e carismático. Cabelos lisos, olhos amendoados, bigode espesso e barba cuidadosamente escanhoada. Como chefe da família, esperava a chegada de todos, antes de anunciar a oração e iniciar o desjejum.

Naquela manhã algo de especial havia acontecido... No ar pairava um clima diferente – diria eu, de paz. Eu sentia um clima ameno e tranqüilo. Meu pai, cabisbaixo, tinha seu semblante triste, mas complacente e seu olhar mostrava-se distante - bem distante!

Esperávamos ao redor da mesa a oração matutina, quando o silêncio foi quebrado pela voz grave e trêmula do meu pai que, ao levantar a cabeça, revelou os olhos cheios de lágrimas anunciando o falecimento do vovô.

"Senhor, recebe o meu querido e bondoso pai em tua morada. Cuida dele com o teu divino amor, da mesma forma e intensidade, Senhor, que ele cuidou de mim." *– Disse o papai, sofregamente.*

Foi um dia longo, frio, triste e cheio de despedidas. O papai chorava muito e agradecia ao vovô a cada segundo: - obrigado, obrigado... e, compulsivamente continuava a repetir: - obrigado, papai... obrigado...

Em seu jazigo estampamos os seguintes dizeres: Nossa homenagem ao Homem-Pai, que era uma mãe; ao Ser Humano que era divino! Obrigado por seu infinito, sublime e dedicado amor!

Mesmo sob o efeito paralisante de tamanha dor e vazio em nossa vida, fazendo-nos perder o sentido do chão, transformando e sacudindo nossos pensamentos e fantasias de vida, onde o coração chora a dor do pesar e da solidão, aos poucos, fomos mergulhando de volta à vida, lembrando de seu valor como pessoa, de seu amor fraterno, de suas inúmeras qualidades e de sua eminente alegria de estar na vida.

E agora, sem o medo da dor, nossos corações partidos começaram a se erguer novamente – a árvore podada reiniciara o processo do florescer – e a paz começara a aparecer, lentamente, dia após dia, dando lugar, outra vez, ao amor. Ao amor que nos uniu – aquele que ele sempre pregou, comungou e celebrou. Então, como num passe de mágica, a alegria voltou a reinar entre nós e a aceitação desta nossa nova realidade passou a fazer parte integrante de nossa vida.

A experiência dolorosa e amarga da perda de um ente querido, somente conhecida pelos parentes e amigos, instala no peito uma tristeza profunda que invade, sem piedade, o nosso coração e alma.

Marcas profundas se enraízam, o tempo ameniza e, aos poucos, cicatriza. – Deixá-lo partir! – *Disse o papai com os olhos*

brilhantes de lágrimas. – Esta é a única forma de celebrar o amor aos que se vão e também, ao amor próprio. Deixá-lo ir... – *reafirmou o papai* – passa a ser, meu filho, uma prorrogação do amor – *completou.*

Devemos então, *continuou o papai*, nos mirar no exemplo de Nossa Senhora que passou por esta "via-crúcis". Deixou para nós, homens, o legado sagrado e milagroso de Mãe: carinho, abnegação, força, esperança, coragem, bondade, alegria, amor...

E, apesar de feridos, após longa escuridão, a esperança de vida ressurge através dos primeiros raios de luz do amanhecer de um novo dia.

Nascimento

Certa noite – fazia muito frio - era noite de lua cheia. Não se avistava no céu uma nuvem sequer. As estrelas brilhavam entre si formando uma orquestra de luzes maravilhando seus espectadores. O papai nos chamou para junto da lareira, envolveu-me com um doce abraço em torno de meu pescoço – seu coração batia forte – e começou a falar do vovô.

Eles nasceram! – Palavras do vovô há muitos anos. – *disse o papai* – Cada um com seu jeitinho, embrulhado nas mantinhas azul e cor-de-rosa – um casal, transmitindo, desde os primeiros dias de suas vidas, as suas mensagens e ocupando os seus espaços.

Na sala de espera, – *continuou o papai relembrando as palavras do vovô* – quilômetros de ansiedade já haviam sido caminhados por mim, mostrando que no fundo, este momento é muito mais belo do que a gente possa imaginar – é mágico! Nós é que, envolvidos na ciranda da vida, muitas vezes, não percebemos...

Pelo vidro do berçário, uns sobre os outros, orgulhosos, observávamos. E o rostinho? Parecem com quem? Não! Não se parecem com ninguém! - Uns dizem que é a cara do papai. Outros, a cara da mamãe. Não! - Não se parecem com ninguém! Em meio aos nossos delírios e fantasias, até sorrisos são descobertos em seus rostinhos encarquilhados nesta hora sublime.

Entre sorrisos, presentes, abraços, beijos, visitas, parentes, amigos, emoções, expectativas... começa uma nova etapa de nossa vida... porém, algo incomum pairava no ar...

Como num passe de mágica, somos envolvidos por um manto guardião que nos lançam em proteção aos recém-chegados. Os nossos bebês! Tão lindos, tão frágeis, tão pequeninos e dependentes. Sim, um sentimento de posse, de anjo protetor ou da guarda, toma conta da gente subitamente.

O tempo lá fora não pára. A vida continua e o relógio apressa-se em girar. Envolvidos, emocionados e embalados nesta ciranda os anos vão passando e eles vão crescendo!?...

A mamãe se ausentou por alguns instantes... Voltou com um álbum de fotografias – o papai sempre adorou fotos – e nos convidou a recordar... O papai recostou-se perto de mim, deitou sua cabeça sobre os meus pequeninos ombros e me disse num tom suave: - eu te amo!

Alma sensível. Seus olhos amendoados, brilhantes e cheios de lágrimas, denunciavam a enorme saudade que ainda ardia dentro de seu peito...

A saudade é um sentimento natural, de profunda dor, que nos faz sofrer, provocando, muitas vezes, sentimentos indesejáveis e nocivos. Mas é importante, nos primeiros dias em que se sucede à perda, para o nosso desenvolvimento, crescimento e aceitação. Já as lembranças trazidas à nossa memória – incrível e magnífico dom natural do Ser Humano – dos momentos alegres e saudáveis de nossa convivência diária, resultam da felicidade que sentíamos ao compartilhar a nossa vida com a pessoa amada, e que o tempo jamais apagará...